

ESPIRITUALIDADE E VIVÊNCIA CRISTÃ

CONVERSA INICIAL

Falar de **espiritualidade** requer não somente conhecimentos teóricos, mas, sobretudo, reconhecimento de sua importância e de seus benefícios para a vida de todo ser humano. Não é algo que se pode medir, pesar ou fotografar. Espiritualidade é vida, é beleza, é virtude. É possível espiritualizar-se cultivando valores essenciais no dia a dia, principalmente o amor a Deus, ao próximo e a tudo o que há na natureza. Esse cultivo requer pensamentos, palavras e atitudes harmoniosas, alegres, amorosas, que geram paz, bondade, altruísmo. Atitudes que colaboram na construção da paz e do amor Universal.

TEMA 1 – O QUE É ESPIRITUALIDADE?

Em todos os tempos, desde os povos mais antigos, ouve-se falar em espiritualidade, em personagens que aparecem no decorrer da História como grandes líderes espirituais. Esses temas se encontram nas literaturas de todos os tempos, verdadeiros tesouros espirituais; as livrarias estão repletas de livros sobre o assunto. Mas o que é espiritualidade? É possível defini-la?

Segundo o Dicionário Informal (2009a.), espiritualidade é “[...] tudo o que é capaz de produzir em mim uma mudança de pensamento, atitudes e conceitos, que me colocam em um novo rumo e me oferece um novo sentido para a vida”.

Espiritualidade pode ainda ser definida como uma “propensão humana a buscar significado para a vida por meio de conceitos que transcendem o tangível, à procura de um sentido de conexão com algo maior que a si próprio” (Guimarães; Avezum, 2007, citados por Wikipédia, S.d.).

Em linguagem bem popular, pode-se dizer que espiritualidade é tudo o que aproxima mais o ser humano de Deus (fonte suprema e única de toda energia, de todo amor) e o conduz à vivência do verdadeiro amor, que dá sentido à vida.

É difícil conceituar espiritualidade com uma linguagem simplesmente teórica. Espiritualidade vem de **espírito** – dimensão espiritual que torna humano, bom. Sinal de vida, alento vital, fôlego, respiração. Designa também a esfera do espírito, da consciência, da interioridade.

Segundo a Bíblia (Bíblia Online, Gn, 1:1-2): “No princípio criou Deus o céu e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas”. Na criação, o espírito organiza, harmoniza, coloca ordem no caos – embeleza.

Tornar-se um ser espiritualizado é um processo a ser desenvolvido individualmente. Tendo como base as crenças de vida, o indivíduo tem a capacidade de sentir e relacionar a força dos acontecimentos com uma força não material. A espiritualidade pode ser vista como uma janela que possibilita enxergar além do que está visível apenas aos olhos. Dentro das mais diversas crenças e doutrinas religiosas, a espiritualidade oferece meios pelos quais o indivíduo é capaz de buscar e encontrar sua própria essência, adequando-se a uma conexão com algo maior que si próprio. Estando ou não ligada a uma religião, a espiritualidade preza por bases como a paz e a solidariedade em defesa da vida. Nesse sentido, espiritualidade é a força interior que desapega do ego e deixa o indivíduo inspirar-se pelo que acredita ser benéfico em suas ações na prática do dia a dia. Em outras palavras, pode-se dizer que espiritualidade é uma tendência do ser humano em buscar um significado que possa conferir valor à vida.

Em geral, todo ser humano vive, em grau menor ou maior, os valores espirituais, como o respeito pela própria vida e a vida dos outros, a necessidade de união, a convivência em sociedade, a solidariedade com os que sofrem, bem como o desejo de felicidade. Aqueles que desejam, de fato, construir uma vida pautada na espiritualidade mais profunda, são os que se convertem livremente pela fé, pelo cultivo da oração. É uma decisão pessoal, impulsionada por uma força interior, que se expressa na sede de infinito, ou seja, na sede de Deus. Quem deseja construir a vida na espiritualidade, pelo caminho da fé e do amor, antecipa a alegria e a luz da eternidade com a esperança de ver Deus face a face, tal como Ele é. É um despertar, um **nascer de novo**, como diz Jesus. Quando o homem se dispõe a trilhar esse caminho da vida nova, começa então a vivência consciente de uma vida espiritual mais intensa, mais profunda.

TEMA 2 – FUNÇÃO DA ESPIRITUALIDADE

Em alguns estudos, a espiritualidade figura como uma necessidade humana elementar, com uma função profunda na vida das pessoas, ligada à promoção de bem-estar e ao estabelecimento de conexões transcendentais com o sagrado, com o ser profundo (eu interior) e com a vida cotidiana comum. Essa função modula a experiência de significação simbólica do propósito e dos eventos da vida. A espiritualidade pode ser definida como uma propensão humana a buscar significado para a vida.

A ausência de espiritualidade cria vazios existenciais nas pessoas, uma vez que o ser humano carrega dentro de si a semente do sagrado. Se essa semente deixa de ser cultivada, geram-se espaços vazios e sem sentido no interior da pessoa. Surgem daí os sentimentos de inutilidade e rejeição que são responsáveis pela baixa autoestima e que, muitas vezes, acabam em depressão profunda, e até mesmo em suicídio. Por ser o homem um ser social e espiritual por natureza, ele tem a necessidade de ser reconhecido, de ser valorizado, aceito, de sentir-se útil, de ser amado.

Acredita-se que a função principal da espiritualidade é despertar a essência divina com a qual todo ser veio ao mundo. Assim como herda-se dos pais a cor da pele e as características físicas e mentais, além dos valores que eles vivenciam, herda-se de Deus a semente divina, que faz dos seres humanos seres únicos, à imagem e semelhança Dele.

A espiritualidade deve conduzir o ser humano à busca constante de Deus, criador e fonte de todo bem. Acredita-se que o encontro com Deus, infalivelmente, há de despertar a vivência do amor – do amor verdadeiro, que pode ser traduzido em atitudes e gestos de acolhimento, de bondade, de ternura, ações concretas de compaixão e misericórdia.

Não se pode aceitar uma espiritualidade que não busca vivenciar os verdadeiros valores, aqueles que unem, aproximam e respeitam os seres humanos, independentemente de raça, situação econômica, cultura e classe social; além do mais, que demonstram amor e respeito com todas as criaturas: animais e a natureza em geral.

Um dos grandes presentes que Deus deixou para a humanidade é a paz interior. A espiritualidade é a porta, é a janela, por onde se absorve a paz de espírito. É também o caminho, o combustível que alimenta e gera paz na mente e no coração do homem. A luta, ou a busca pela paz, deve ser uma constante no caminho espiritual. Segundo Albert Einstein, a paz “é a única forma de nos sentirmos realmente humanos” (Pensador, S.d.).

A espiritualidade fundamentada na fé cristã encontra resposta e solução para todos os desafios que porventura aparecem nos caminhos da vida. Essa é a verdade a que Jesus se referiu ao dizer “[...] se tiverdes fé e não duvidardes, não só fareis o que foi feito à figueira, mas até se a este monte disserdes: Ergue-te, e precipita-te no mar, assim será feito; E, tudo o que pedirdes em oração, crendo, o recebereis” (Bíblia Online, Mt, 21:21-22). O que muitas vezes impede o homem

de alcançar seus objetivos é a dúvida que destrói a convicção e que, por sua vez, bloqueia a energia e o poder da fé.

A espiritualidade é uma força interior que desperta a fé e cria a conexão com a dimensão espiritual do ser humano e com toda a natureza, e que reflete a obra do Criador.

Conforme Yogananda (2001, p. 62), “Quando o ‘não posso’ desaparecer de sua mente, poderes divinos vêm a você”. É lógico que nada cai do céu já pronto. Antes de mais nada é preciso ter objetivos claros; ter força de vontade unida à ação e à perseverança na busca da realização do objetivo, embora o cérebro do homem esteja cheio de programações negativas, tais como “**não posso**”, herdado de antepassados, da escola, da sociedade em geral. Se cauterizar os “**não posso**”, descobrirá que o ser humano tem em seu interior o poder de realizar tudo o que quiser.

TEMA 3 – O QUE É DIMENSÃO ESPIRITUAL

É a parte do ser humano que se conecta ao todo universal; à irmandade com tudo o que o cerca, com a natureza, com o Cosmos. Dentro do vasto Universo, todos têm uma função, um serviço a prestar no mecanismo das leis naturais, na realização da grande orquestra de tudo o que existe.

Uma espiritualidade consciente confere um sentido maior à vida. Um **por quê** e um **para quê**, um motivo de se estar aqui. Nascemos com uma intuição de que temos algo a fazer, percebemos que temos uma missão a cumprir no vasto universo em que nos situamos. A força interior, gerada pela dimensão espiritual, impulsiona o homem a cumprir essa missão na família, no trabalho, nas relações sociais e, muitas vezes, no envolvimento em atividades diversas. E, mesmo inconscientemente, o homem é movido pela necessidade de cumprir o que se chama de **missão pessoal**. Pode-se dar diferentes sentidos a isso: “Qual é o meu objetivo na vida? ”; “Qual é a minha vocação neste mundo? ”; e, dependendo do grau de autoestima, a pessoa encontra para essas perguntas respostas negativas em sua própria consciência, tais como: “Eu não deveria ter nascido”; “Estou aqui só para atrapalhar”; “Não faço nada que preste”. É justamente nesse caos em que o ser humano muitas vezes se encontra mergulhado que ele deverá encontrar a força curativa por meio da espiritualidade. É preciso fazer uma reprogramação mental, ou seja: é preciso curar o espírito. E toda mudança começa pelo pensamento. Há um ditado muito antigo que diz: “somos o que pensamos”. O

pensamento é energia poderosa; é como uma semente plantada em solo fértil. Por isso, o mundo em que se vive resulta da soma dos pensamentos de cada ser humano. Ao se prestar atenção, pode-se perceber que as atitudes do dia a dia são reflexos dos próprios pensamentos.

Pensamentos criam sentimentos que, dependendo da intensidade, transformam-se em emoções que se fixam no cérebro, produzindo substâncias químicas positivas ou negativas que interferem em todo o ser. Desejando-se de fato colaborar para um mundo mais humano, mais harmonioso, em que impera o verdadeiro amor de uns pelos outros, deve-se cultivar pensamentos positivos, que alargam os horizontes e levam a enxergar mais longe, a vislumbrar o **belo**. Deus é a beleza primordial que fascina. Quem cultiva a espiritualidade verá essa beleza que reluz em toda a criação que se pode perceber neste mundo. Então, a beleza se torna o lugar em que se pode experimentar Deus. Ela abre o ser interior e o torna receptivo para algo mais profundo em cada um, para aquilo que perfaz a verdadeira essência do ser. Faz compreender que há uma tensão entre o anseio por beleza e a dilaceração da vida, que nem sempre é bela.

O aspecto ativo da espiritualidade é – e sempre foi – o amor, que compartilha a dor. Há convicção de que o amor é a beleza que salva o mundo. A vivência cristã que não se fundamenta no amor é vazia e sem sentido. É preciso tomar consciência de que a intenção de Deus a respeito do ser humano é esta: que nos deixemos **crisificar** para que se realize em cada um de nós a palavra do apóstolo Paulo: “[...] vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim” (Bíblia Online, Gl, 2:20).

Em geral, pessoas espiritualizadas cultivam bons pensamentos, geram sentimentos mais harmoniosos e por isso são mais serenas, mais equilibradas, adoecem menos e acreditam que a fé, aliada ao tratamento médico, recupera a saúde mais rapidamente.

Independentemente da crença, o que o corpo entende é a mensagem de confiança e de esperança transmitida pela fé, pela vontade de viver.

A fé atua no sistema nervoso autônomo, responsável pelo funcionamento e pela regulação de funções vitais como respiração, digestão, circulação sanguínea. A medicina explica: quando a engrenagem cerebral recebe informações positivas (por meio de pensamentos e sentimentos), como alegria, amor, serenidade e coragem, as batidas do coração entram em um ritmo

harmonioso; a respiração acalma e a pressão arterial se equilibra, fazendo com que todo o ser da pessoa se harmonize, gerando mais saúde e qualidade de vida.

Infelizmente, o cultivo da espiritualidade ainda não faz parte do cotidiano de todas as pessoas. Pouco se compreende que a prática diária de exercícios espirituais produz uma força interior que determina a qualidade na participação da vida social e sobretudo na atuação da vida familiar.

A espiritualidade é indispensável para sustentar a vida de todos os parâmetros qualificados. Nesse sentido é um desafio permanente ficar em sintonia com a oração do salmista (Bíblia Online, Sl, 22:9-10): “Mas tu és o que me tiraste do ventre; fizeste-me confiar, estando aos seios de minha mãe. Sobre ti fui lançado desde a madre; tu és o meu Deus desde o ventre de minha mãe”.

Percebe-se que, apesar da diversidade de seguimentos religiosos, a humanidade não atribui o devido valor à prática da espiritualidade. E as consequências negativas saltam aos olhos diariamente, por meio de notícias trazidas pelos meios de comunicação, na desarmonia de famílias em fase de destruição, na falta de paz no mundo e, sobretudo, na mente das pessoas: “Por que há tanta violência? ”; “Por que há tantos jovens buscando a morte lenta nas drogas, na pornografia? ”; “Por que há tanta gente depressiva? ”; “Por que há tantos suicídios? Não seria em decorrência do vazio interior? Da falta de uma espiritualidade que dê sentido à vida? ”. Não é nenhum aspecto racional que vai mudar essa situação. É preciso despertar, ou apontar o caminho para o crescimento espiritual. Mas como? Se ficar atento, perceberá as oportunidades que surgem a cada momento para aprimorar a compreensão de Deus e sua mensagem; conseqüentemente, essa compreensão resulta em uma mudança de vida para melhor.

Cada ser humano encontra a força divina que traz em seu íntimo, à sua própria maneira; muitas vezes, mediante experiências pessoais de sofrimento, em que Deus se manifesta como uma presença confiante, que concede força, desperta esperança, aviva a fé; outras vezes, descobre-se a força divina por meio da compaixão pelos semelhantes, ou pelos animais e pela natureza. Quando o homem sai de si mesmo e se reúne com outras pessoas para viver uma espiritualidade mais ativa, dinâmica, se entusiasma na busca espiritual e descobre uma nova maneira de viver em paz e em harmonia com todo o Universo. A espiritualidade buscada na vivência de grupos se enriquece com a partilha de ideias e talentos de cada um, que, somados à energia divina curativa que circula

no grupo, desperta a capacidade de amar em cada participante. A evolução espiritual acumula automaticamente energia amorosa, vibrante, que impulsiona a trilhar os caminhos que são coerentes com o amor universal. Os seres humanos são partículas do Universo e todas as formas de vida estão interligadas entre si. Essa interligação amplia o fluxo positivo de energia espiritual, que penetra todo o ser: pensamentos, sentimentos e o corpo físico, além de reter a energia gerada por cada um.

TEMA 4 – O CULTIVO DA ESPIRITUALIDADE

4.1 Vivência espiritual no cotidiano

A busca da vivência espiritual no cotidiano é o reconhecimento da onipresença e da onipotência de Deus, expressas na oração do salmista: “Pois tu és a minha esperança, Senhor DEUS; tu és a minha confiança desde a minha mocidade. Por ti tenho sido sustentado desde o ventre; tu és aquele que me tiraste das entranhas de minha mãe; o meu louvor será para ti constantemente” (Bíblia Online, Sl 71:5-6).

O cultivo da espiritualidade é o alicerce para uma vida saudável, harmoniosa, que impulsiona o ser humano a mergulhar mais profundamente no conhecimento de si mesmo e de todas as criaturas, despertando os verdadeiros valores da vida e transmitindo forças para a superação de dificuldades. “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Bíblia Online, Jo, 8:32).

Seria demasiado pobre citar a oração como remédio eficaz somente nas horas de conflitos, diante de incertezas... A oração é, sem dúvida, o exercício por excelência na vida espiritual. Quando se ora com o coração, dirigindo-se a Deus com intimidade, como Filhos e não como mendigos, talvez sem dar-se conta, criam-se asas e a pessoa se solta rumo ao infinito.

Muitas vezes, para a maioria dos homens, a vida os leva a perder as asas, o ideal de voar, a alma de criança. Então, começam a correr pelo chão da mediocridade, presos à terra, sentindo-se incapazes de subir mais alto. No entanto, sempre que o homem deseja orar, pode voar para longe, muito mais alto, até tocar o infinito. A prece, assim como o pensamento, tem asas invisíveis, imateriais ou espirituais, não conhece distâncias, nem muros; por isso, pode levar o homem ao coração de Deus. Quem reza ou medita percebe que o melhor clima para a oração é o da paz, que é irmã gêmea do silêncio. Onde há paz, respira-se

calma e serenidade. O homem que consegue com seu pensamento e sua oração tocar o infinito, sente-se envolvido pelo manto da quietude.

Segundo Novais (1998, p. 95), “Os rios silenciosos correm de mansinho, sem fazer alarde de sua profundidade. Águas ruidosas amam a superfície. O silêncio nos avizinha da revelação dos mistérios profundos de Deus, que fala em silêncio”. Encontra-se nos evangelhos que Jesus Cristo procurava lugares desertos – refugiava-se nas montanhas, para estar a sós com o Pai.

A oração silenciosa, a meditação, amplia as dimensões do espírito tornando o ser humano mais espiritual. No coração humano existe um sonho de eternidade, uma necessidade de sobrevivência, um desejo de imortalidade. Quem reza com fé amplia horizontes, enxerga com os olhos do espírito e vê mais além. O pensamento, a oração e a meditação tornam o ser humano mais sensível, o levam a alcançar uma força misteriosa e invisível como a energia elétrica. Quando alguém reza com profundidade e constância, sente uma grande alegria brotando em seu coração, o que sinaliza que Deus está ouvindo sua prece.

4.2 Manter-se alegre

Outro meio de cultivar a espiritualidade é manter-se alegre. Cultivar o sorriso da alma. Quem encontra alegria em seu interior, descobre que seu corpo todo está carregado de energia vital, que vem do poder de Deus. “Um sorriso genuíno distribui a energia cósmica (prana) a todas as células do corpo” (Yogananda, 2001). Segundo Yogananda (2001, p. 29), “O homem feliz é menos sujeito a doenças, pois a felicidade de fato atrai para o corpo um maior suprimento da universal energia vital”.

4.3 Afirmações positivas conscientes

O hábito das afirmações positivas conscientes programa e reprograma o subconsciente, pois acionam o poder de Deus, interferindo na mente consciente que, por sua vez, desperta a fé, e o resultado é infalível. Segundo Yogananda (2001, p. 32), “palavras saturadas de sinceridade, convicção, intuição e fé são como bombas vibratórias, altamente explosivas que, quando acionadas, fragmentam as rochas das dificuldades e criam a desejada mudança”.

Fortes afirmações repetidas integralmente podem atingir a mente superconsciente, que contém poderes miraculosos. A perseverança nas

repetições cria convicções que se fixam na mente, originando novos hábitos e/ou mudando comportamentos. Yogananda (2001, p. 31) ensinou:

Preces frequentemente implicam uma consciência de mendicância. Somos filhos de Deus, não mendigos, e somos, portanto, merecedores de nossa herança divina. Quando estabelecemos um vínculo de amor entre nossas almas e Deus, temos o direito de exigir afetosamente o atendimento de nossas preces legítimas. Esse princípio de exigir de Deus nossa herança divina é o vitalizante poder contido nas afirmações.

4.4 Meditação

Atualmente, um dos recursos mais procurados pelos que buscam crescer espiritualmente é a meditação, cujo principal objetivo é acalmar a mente para que se possa ouvir a voz intuitiva que fala no silêncio. Quando a mente se acalma com a presença silenciosa de Deus na meditação é possível aquietar o coração e encontrar respostas e soluções para todas as dificuldades.

TEMA 5 – RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE

A espiritualidade existe desde que o ser humano apareceu na Terra, enquanto as religiões surgiram a mais ou menos 8 mil anos apenas.

Existem muitas religiões: cristianismo, budismo, islamismo, espiritismo, judaísmo etc. Além dessas, há também as evangélicas, que recebem as mais variadas denominações. Enquanto a espiritualidade é uma só, a religião segue um conjunto de regras dogmáticas, e por isso requer administradores, orientadores, líderes; quando ela não depende de leis nem de regulamentos é livre, é divina, procura vivenciar os verdadeiros valores, presta atenção à voz interior, transcende tudo, faz ser verdadeiro.

A religião busca a salvação pela observância das leis escritas nos livros sagrados, pela frequência a cultos, missas, ritos sagrados. Ela busca o alimento espiritual nos sacramentos, na penitência, na participação em eventos religiosos, enquanto a espiritualidade busca a vivência do amor em todas as atividades do dia a dia da vida.

O homem pode não pertencer a nenhuma instituição religiosa e ser uma pessoa espiritualizada. Todavia, o homem é um ser social por natureza, tem necessidade de pertencer a um grupo. E o fato de estar inserido em uma instituição religiosa proporciona segurança, apoio, comunhão com outro, com o semelhante que busca trilhar o mesmo caminho. Na religião, seja ela qual for, há diversidade de talentos, posições hierárquicas, disputa de poder, serviços

diversos. Onde há seres humanos atuando é normal que surjam divergências, diferentes modos de pensar, de compreender; acontecem conflitos. Aqui entra o valor da espiritualidade: quanto mais profunda for a vivência da espiritualidade verdadeira, principalmente dos líderes da organização, menos conflitos acontecerão. A espiritualidade conduz ao perdão, à compreensão. É a vivência da fraternidade, do amor. Enquanto na religião, muitas vezes, há disputa de poder, a espiritualidade se fundamenta na humildade, na prestação de serviço, na tolerância, na vivência da misericórdia, da compaixão. Sendo assim, é possível afirmar que religião e espiritualidade devem estar sempre de mãos dadas. Embora não se confundam, se complementam. A religião deveria ser a fonte na qual o ser humano pudesse abastecer sua espiritualidade, ou seja, sua sede de Deus. Jesus, durante sua vida pública, falou muitas coisas – palavras sábias, reconhecidas por seus ouvintes. No entanto, Ele mesmo destacou que o aspecto mais importante que as pessoas deveriam observar não eram suas palavras, mas suas atitudes, seus gestos, em relação às pessoas que o procuravam.

Há diferença entre religiosidade e espiritualidade?

Espiritualidade é um conceito mais amplo, sem nenhuma ligação com uma igreja ou uma religião específica. A religiosidade está centrada na fé e nas crenças de uma determinada religião, seja ela qual for.

A pessoa que participa de cultos e observa as leis ou preceitos de determinada religião pode não ter espiritualidade nenhuma. Vai à igreja por hábito ou conveniência social. Por outro lado, um indivíduo pode não seguir nenhuma doutrina religiosa e, no entanto, ser uma pessoa espiritualizada. Mas não é possível conceber ser religioso e não ter espiritualidade. Seria como cultivar um jardim sem plantar flores, ou ter um frasco de perfume sem abri-lo para curtir seu aroma.

Seria ideal se a espiritualidade fosse o caminho, a porta de entrada para a prática de qualquer religião. São caminhos diferentes, mas tanto a espiritualidade quanto a religião são meios para se praticar o amor, único caminho que leva ao encontro de Deus e, portanto, à conquista da paz interior.

A religião é uma **organização** que segue normas, leis, dogmas, ritos, organização jurídica. Pode também significar um conjunto de verdades e preceitos morais, que ajudam o homem a trilhar o caminho da salvação. Pertencer a uma religião pode ser a maneira de o homem relacionar-se com Deus.

O termo “**religião**” vem do latim *religare* – o homem estava separado de Deus e, uma vez reconhecendo seu pecado, precisava de algo que o ligasse novamente a Deus – que o religasse (Dicionário Informal, 2009b). Pela multiplicidade de aspectos, a religião interessa a muitos outros ramos de pensamento, como a Filosofia, a Teologia, a Pedagogia, a Sociologia, entre outras. A espiritualidade não depende de organização, de práticas, de rituais. Ser espiritualizado é ter consciência e vivenciar as virtudes pregadas pela religião, como a caridade, o respeito à vida, a bondade, a humildade, a fraternidade. Um ser espiritualizado tem consciência de sua responsabilidade e de seu papel junto aos meios sociais em que está inserido: família, escola, trabalho, lazer, e busca a vivência harmoniosa e equilibrada dos princípios morais e éticos universais.

O cristianismo surgiu com o exemplo da vida de Jesus, que veio anunciar uma nova espiritualidade pela prática do perdão, da justiça, do amor fraterno vivido em comunidade. Ele se preocupava com todos os que sofriam (os doentes do corpo e do espírito), e procurava amenizar as dores e resgatar a autoestima para que não desistissem da vida diante das dificuldades que encontravam pela vida afora. Segundo Cury (2006, p. 23), “se alguém almejasse ser seu discípulo, tinha de alargar os horizontes do seu pequeno mundo e incluir as pessoas, tinha de se deixar invadir por um amor que o impelisse a cuidar delas”. Sua paixão pela humanidade o levou ao gesto supremo do amor: a morte na cruz.

Pode-se considerar a religião como a fonte em que o homem busca o alimento espiritual, que sustenta a fé, a virtude moral e tudo o que o impulsiona a prestar culto ao Divino. Por ser o homem limitado, é difícil compreender que alguém possa ser espiritualizado sem nenhuma religiosidade, uma vez que a verdadeira liberdade só é possível para quem busca crescer espiritualmente. Essa busca passa pelo caminho do autoconhecimento, que leva o homem a reconhecer não apenas seus talentos, mas também suas limitações e a dos outros seres – humanos, animais – e da natureza em geral. Ser livre é ser responsável, comprometido com o bem comum. De acordo com Cury (2006, p. 154), “[...] o amor só consegue florescer no solo da liberdade”.

REFERÊNCIAS

ALBERT, E. **Pensador**, S.d. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/ODExOA/>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

BÍBLIA (Novo Testamento). **Gálatas**. Português. Bíblia Online, cap. 2, vers. 20. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/gl/2>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

_____. (Novo Testamento). **João**. Português. Bíblia Online, cap. 8, vers. 32. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/jo/8>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

_____. (Novo Testamento). **Mateus**. Português. Bíblia Online, cap. 21, vers. 21-22. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/mt/21>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

_____. (Velho Testamento). **Gênesis**. Português. Bíblia Online, cap. 1, vers. 1-2. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/1>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

_____. (Velho Testamento). **Salmos**. Português. Bíblia Online, cap. 22, vers. 9-10. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/sl/22>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

_____. (Velho Testamento). **Salmos**. Português. Bíblia Online, cap. 71, vers. 5-6. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/sl/71/5,6+>>. Acesso em: 5 ago. 2019.

CURY, A. **O mestre da vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

ESPIRITUALIDADE. **Dicionário Informal**, 3 nov. 2009a. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/espirtualidade/5741/>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

ESPIRITUALIDADE. **Wikipédia**, S.d. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Espiritualidade#cite_note-1>. Acesso em: 5 ago. 2019.

GUIMARÃES, H. P.; AVEZUM, A. O impacto da espiritualidade na saúde física. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, supl. 1, p. 88-94, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v34s1/a12v34s1.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2019.

NOVAIS, G. **O poder das mãos orantes**. 6. ed. Laguna: Boa Estrela, 1998.

RELIGIÃO. **Dicionário Informal**, 3 abr. 2009b. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/religi%C3%A3o/>>. Acesso em: 5 ago. 2019.

YOGANANDA, P. **Onde existe luz**: discernimento e inspiração para enfrentar os desafios da vida. Rio de Janeiro: Lótus do Saber, 2001.

ELEMENTOS ESSENCIAIS À ORATÓRIA E HOMILÉTICA

TEMA 1 – HOMILÉTICA, ORIGEM E DEFINIÇÃO

A palavra *homilia* (ὁμιλία) vem do grego clássico e significa sermão breve. É a palavra utilizada em I Coríntios 15,33: “As más companhias (no plural *homiliai*) corrompem os bons costumes”.

A igreja cristã traduziu *companhias* para o latim *sermo* (conversação, maneira de falar). Dessa palavra, deriva *homilética*, uma técnica centenária de discurso bem estruturado. O termo que já aparece em Homero (*Ilíada*) foi desenvolvido até se integrar à oratória nos tribunais e igrejas.

Nas igrejas, tornou-se técnica de pregação do Evangelho, principalmente a partir da Reforma Protestante. A Homilética, como arte ou ciência de pregar sermões, entrou definitivamente para o currículo das escolas bíblicas.

Em síntese, conforme o Novo/Segundo Testamento: *Homilos*, que significa "multidão", "turma", "assembleia do povo" (At 18,17); *Homilia*, que significa "associação", "companhia" (1 Co 15,33); *Homileo*, que significa "falar", "conversar" (Lc. 24,14s.; At. 20, 11, 24, 26).

Um dos grandes teólogos da cristandade, Bispo Agostinho de Hipona, já ensinava há 1;000 anos que o pregador deveria conquistar, motivar e informar (Agostinho, p. 129, 2002).

A Homilética é a arte de organizar, preparar e entregar sermões. O pregador dirige o foco do sermão para o ouvinte. Na Homilética clássica, o pregador é um transmissor de conteúdos da fé, é o sujeito que se prepara, na prática, com as técnicas e a vida para falar aos fiéis (é o modelo dos fiéis). O outro sujeito, o que recebe, é passivo (de acordo com velhos modelos). Modelos contemporâneos de prédica colocam o sujeito-ouvinte como ponto de partida.

Ele escuta, entende, participa, conclui e decide. Essa novidade pedagógica valoriza ainda mais o papel do pregador de sermões, pois este se encontra direta e primeiramente envolvido com o texto antes de compartilhar.

A prédica comunica a palavra de Deus e o ouvinte sente-se convencido pelo Espírito Santo a experimentar, experienciar a mensagem no cotidiano. Trata-se de **saber** – epistemologicamente – expor (mensagem expositiva) o *lógos*, comunicar a Palavra de Deus como o próprio Verbo que se autocomunicou a si mesmo com o Deus Eterno encarnado.

Difícilmente aquelas pessoas que improvisadamente, no impulso de dizer a palavra de Deus, soltam o verbo com a desculpa de que “sentiram de Deus”

compartilham algo divino, o fazem com a devida arte da homilia. Fazem parte da técnica e arte de pregar a Palavra de Deus:

- a) Mensageiro/arauto;
- b) Conteúdo;
- c) Técnicas;
- d) Personalidade;
- e) Auditório/ouvintes.

O imperativo de Marcos 16,14-18 (“ide e pregai”) fundamenta toda homilética.

- a. Ide – anunciar a morte e ressurreição de Jesus Cristo para a remissão de pecados, como cumprimento da *Lei* e os *Profetas* para todas as nações; “pregamos Cristo crucificado” (I Coríntios 1,23; Atos 17,18).
- b. Pregar – tornar esse Jesus o Senhor da vida pessoal e comunitária; “pregamos Cristo como o Senhor” (II Coríntios 4,5).
- c. Fazer discípulo – convocar ao arrependimento e perdão dos pecados (transgressões) e viver uma vida de ética (santidade) e espiritual (discipulado), mostrando novidade de vida para a salvação (João 5,24).

Pregador vem do termo grego *kerýsso* (*κηρύσσω*), traduzido por “pregar” (proclamação em local aberto e público). Palavras semelhantes aparecem como *kéryx* (*κῆρυξ*) traduzido por “arauto, mensageiro público, enviado, pregoeiro”. Deriva daí o evangélico substantivo é *kérygma* (*κήρυγμα*).

Diversos são os tipos/temas de sermões e propomos uma lista deles, sem esgotar as possibilidades. O pregador, por exemplo, não pode falar das pragas do Egito em uma cerimônia de casamento, pois não há contexto.

- a) Tópico;
- b) Temático;
- c) Expositivo;
- d) Inferencial;
- e) Extemporâneo;
- f) Acadêmico;
- g) Matrimonial;
- h) Funeral;

- i) Aconselhador;
- j) Aniversário (Alves, p. 18-19, 2018).

Na definição básica, a homilia, a pregação, é uma entrega formal do sermão à congregação, não é uma aula. Não tem interrupções e as perguntas são retóricas. Os motivos devem ser para conversão e arrependimento e comunhão dos fiéis. Pregação também inclui o ensino, lembrando sempre que o Reino de Deus é uma boa notícia. A pregação deve levar o ser humano à autonomia, à liberdade de tudo o mais que lhe escraviza, é “verdade que liberta”.

A conversão-libertação, segundo Gustavo Gutierrez expressa, é pessoal e estrutural:

A conversão implica ruptura e mudança, novo olhar, volver o olhar para Jesus Cristo, sair de si mesmo. Desemboca na libertação e não há libertação sem conversão, sem mudança de comportamento. Alcança seu objetivo ao perceber as causas da opressão e a firme busca de libertar-se delas, descobrindo a fé em Deus libertador. Exigência que acompanha o dom do Reino e gera uma nova atitude para com Deus e o irmão. (Gutierrez, 1998, p. 137)

A pregação, a homilética, é a tarefa principal da igreja e, assim, precisa ser feita com muito cuidado, amor e técnica. Para reforçar o conceito, dizemos que a homilética é o ramo do conhecimento cristão que ensina os processos da construção e da comunicação de sermões bíblicos. As exigências para a boa homilética começa pelo cuidado de si mesmo, do desenvolvimento dos dons e talentos pessoais.

O obreiro começa um sermão pensando no seu papel pessoal e na preparação. A preparação (ou como o obreiro se torna aprovado no manejo da Palavra). A preparação do pregador começa pelo seu novo nascimento, quando, iluminado pelo Espírito Santo, pode contar sua experiência de nova criatura. O cultivo da vida espiritual leva tempo.

Ninguém se torna pregador/mensageiro de Deus de um dia para o outro. Vai precisar ler muito, se familiarizar com a Bíblia, ler livros devocionais e fazer anotações, consultar dicionários e frequentar cursos. Por meio da leitura, vai adquirir vocabulário. Lembre-se: não é o privilégio da técnica sobre a inspiração, mas uma combinação equilibrada das duas coisas. A pregação tem o dever de **consolar, exortar e direcionar**.

A Homilética se relaciona com outras disciplinas da Teologia Sistemática. Não faltariam dicas de livros e experiências diversas do sujeito, porém, ainda enfatizamos que o/a discípulo/a tem características e estilos diferentes que podem

enriquecer ainda mais a pregação. Lembre-se que a primeira impressão é a que fica, como diz o ditado.

Na prática pedagógica e teórica, os modelos de sermões devem ser entendidos como pontos de partida. A teoria antecede a prática como princípios acadêmicos obrigatório na trajetória educativa do pretendente ao seu chamamento e às sagradas ordens. Para aqueles, contudo, que entendem que a pregação é apenas da vontade, podem contribuir para o nível mais baixo de explanação que a Palavra de Deus exige ou merece.

TEMA 2 – HOMILÉTICA, MODELOS E ESTRUTURAS

O aluno pode copiar e colar esse modelo de estrutura e praticar. Assemelha a um problema acadêmico e a sua respectiva justificativa. Em seguida, é apresentado o detalhamento de cada passo.

2.1. Esboço e sermão

- Texto(s) base
- Título do Sermão
- Objetivo específico do Sermão
- **Introdução**
 - Tese do Sermão
 - Frase de Transição
- **Primeira divisão principal**
 - Subdivisão 1
 - Subdivisão 2
 - Frase de Transição
- **Segunda divisão principal**
 - Subdivisão 1
 - Subdivisão 2
- **Conclusão**
- Texto(s) Base
 - A escolha do texto não é aleatória. Algumas confissões de fé tem um calendário de liturgia anual (Ano A, Ano B, Ano C). Outras tradições reformadas mantêm a ideia da intuição ou inspiração.
- Título do Sermão

-
- Pregações tradicionais de 30 anos atrás, aproximadamente, davam títulos a seus sermões. O exemplo clássico é de Jonathan Edward: *Pecadores nas mãos de um Deus irado*, ou de M. L. King: *I Have a Dream* (“eu tenho um sonho”). O desafio é se manter dentro da ementa.
 - **Objetivo específico do Sermão**
 - Que finalidade o pregador espera alcançar com os ouvintes? Pode ser um resultado de curto, médio ou longo prazo. Pode ser que o objetivo seja motivar a igreja a contribuir para construção do templo, por exemplo.
 - **Introdução** (formas de quebrar o gelo)
 - Contar uma história; fazer uma pergunta; ilustrar; contestar; comparar; oferecer dados estatísticos; usar citação/provérbio.
 - A tese deve ser coerente com o tema:
 - O que Deus quer de nós hoje (em relação ao nosso templo)?
 - Qual o valor da contribuição para a comunidade de fé?
 - Como queremos ver a nossa comunidade no bairro?
 - **Tese do Sermão**
 - “As ofertas e dízimos como participação na construção do Reino de Deus”.
 - **Frase de Transição**
 - Você sabe o que a Bíblia diz para os filhos/filhas do Reino?
 - **Primeira divisão principal**
 - 1 – Subdivisão: o que Deus espera de nós, segundo as Escrituras?
 - 2 – Subdivisão: como Deus abençoa “quem dá com alegria”?
 - **Frase de Transição**
 - “Algumas pessoas podem pensar que..., mas nós sabemos que... de acordo com a Palavra de Deus escrita em...”.
 - **Segunda divisão principal**
 - 1 – Subdivisão: quais promessas há na Bíblia para quem contribui?
 - 2 – Subdivisão: exemplos (ilustração) da bênção recebida em nome da contribuição.
 - **Frase de Transição**
 - “O mais importante é o que Deus pensou a nosso respeito como Igreja”.
-

- **Conclusão**

- Fé e confiança de que vamos alcançar a meta do Reino de Deus.
- Amor pela comunidade e pela obra aqui e agora.
- Alegria de quem já assumiu um compromisso divino.

Esse modelo de sermão (homilética) exige disciplina e prática. O pregador pode seguir um modelo impresso e deixá-lo junto ao altar (púlpito), ao lado da Bíblia. Na medida em que o orador for prosseguindo na “receita”, vai se acostumando com a técnica. Atenderá, após muita prática, às necessidades de sua igreja em termos espirituais, psicológicos e morais, sempre com conhecimento, alegria, força e entendimento (Lucas 2,52).

A Homilética, salientamos uma vez mais, desenvolve as habilidades de comunicação, raciocínio lógico e contribui para divulgação do Evangelho. O texto bíblico é a fonte primária de explanação.

TEMA 3 – O PREGADOR FRENTE AO TEXTO

3.1 Quanto à escolha do texto

1. Textos que expressem um pensamento completo;
2. Textos claros, que facilitem a assimilação dos ouvintes;
3. Textos objetivos, que respondam às necessidades dos ouvintes;
4. Textos sobre os quais não haja dificuldade de interpretação;
5. Textos de fácil memorização: pregador e ouvintes;
6. Textos que tenham relação direta e objetiva com o tema do sermão;
7. Textos que “tenham algo que ver, sentir, fazer” – que incentivem a atenção total das pessoas (Flórido, 2004, p. 22).

Escolha temas com riqueza de conteúdo, mas de fácil comunicação. Escolha temas apropriados à época, lugar e ocasião, pois podem produzir resultados positivos. Escolha temas que se relacionam com a realidade presente do auditório. Escolha temas que tema condições desenvolver. Escolha temas que produzam bênçãos. Fuja de temas triviais e frívolos (Flórido, 2004, p. 25). Fuja de temas polêmicos que visam apenas suscitam discussões.

3.2 Recomendações para leitura de um texto

1. Leia o texto em voz alta e em espírito de oração várias vezes (o grande pregador Dr. Campbell Morgan costumava ler pelo menos 50 vezes a passagem que ia expor), comparando-o com versões bíblicas diferentes para obter uma maior compreensão de seu conteúdo.
2. Reproduza o texto com suas próprias palavras, sem olhar na Bíblia, para verificar se realmente entendeu o conteúdo (Bezzel memorizava todos os textos sobre os quais pregava).
3. Observe o contexto imediato.
4. Verifique a forma literária do texto (história, milagre, parábola, ensino, advertência, promessa, profecia, testemunho, oração, introdução etc.) e tente estruturá-lo (por exemplo, Ef. 1.1-2; 15-23; Lc. 4.38-39).
5. Determine o significado exato de cada palavra básica, com sua origem e seu uso pelo autor e no restante do testemunho bíblico (por exemplo, Rm 3.21-31; 5.1).
6. Anote peculiaridades do texto (palavras que se repetem, contrastes, sequências, conclusões, perguntas, teses) e faça uma comparação sinótica, caso o texto pertença aos evangelhos.
7. Pesquise as circunstâncias históricas e culturais (época, país, povo, costumes, tradição; por exemplo, Ap. 19.15).
8. Elabore as mensagens de cada versículo ou termo principal por meio de versículos paralelos (em palavras e assuntos), de seu núcleo, de sua relação com a história da salvação, de perguntas didáticas (quem, o que, por que etc.) e de comentários bíblicos, léxicos, dicionários e manuais bíblicos (por exemplo, Mt. 12.38-42).
9. Estruture o texto conforme seu conteúdo principal e organizador e suas seções secundárias (por exemplo, Lc. 19.1-10).
10. Resuma o trabalho exegético feito até este ponto com a frase: qual o assunto mais importante deste texto. Por exemplo, no evangelho de Marcos, Jesus pede segredo sobre a sua identidade messiânica, principalmente nos momentos de cura e exorcismo, tanto que seus discípulos não entendem todas as implicações desses atos. Recomenda-se que o pregador tenha à mão materiais físicos e virtuais além das exigências espirituais. Inúmeros recursos estão disponíveis (mediante análise)

gratuitamente (com registro da fonte). Muitos livros podem ser reproduzidos em parte conforme legislação e muitos outros, se não publicados, podem ser inteiramente copiados ou baixados (download em PDF, e-book, Epub, Mobi etc.).

Exemplos:

- a) Bíblia Sagrada (em diversas versões/traduições);
- b) Dicionários bíblicos;
- c) Comentários bíblicos;
- d) Modelos de sermão de outros pregadores (esboços);
- e) Chaves hermenêuticas e linguísticas;
- f) Discursos de grandes personalidades seculares;
- g) Atlas bíblico;
- h) Manuais bíblicos em geral;
- i) Coleção patrística;
- j) História (da Reforma, do mundo);
- k) Assinaturas de jornais e revistas;
- l) Consultar bibliotecas universitárias e públicas;
- m) Sites de pesquisa de internet;
- n) Vasculhar sebos (lojas de livros usados);
- o) Materiais para escrita (caderno, agenda etc.);
- p) Manter arquivo organizado dos textos (fisicamente ou na nuvem);
- q) Referenciar a fonte do pensamento se outrem (dar o devido crédito).

TEMA 4 – ESBOÇOS PRÁTICOS

Quadro 1 – Modelo para esboço

TÍTULO
Texto
INTRODUÇÃO
Tese (ementa): qual a pergunta?
ASSUNTO
1º argumento
2º argumento
3º argumento
4º argumento
CONCLUSÃO
Apelo (a resposta)

Não se pode esquecer que a psicologia/sociologia da pregação envolve conhecimento de si e do outro (pregador e auditório). Reconhecer que genericamente existem tipos de ouvintes, característica em muito desvendadas por especialistas. Citamos algumas, mas sabendo que a maioria das pessoas vão a igreja buscando uma palavra de fé, esperança e amor. Os auditórios são hiper-críticos, indiferentes, heterogêneo, irônico, cansados, enfadados, obrigados, apressados, desinteressados. Muitas dessas situações são resultado do jeito do pregador. O auditório apresenta tais atitudes devido alguns motivos:

- Pregações abstratas, filosóficas, focadas muito na razão instrumental;
- Pregações confusas, sem começo, meio e fim;
- Pregações somente sobre dinheiro (materialismo);
- Pregações sem conteúdo;
- Pregações arrastadas;

- Pregações que ninguém escuta (som ruim e má dicção);
- Pregação contraditórias (vida e testemunho);
- Pregações agressivas, raivosas;
- Pregações obsessivas (foco em um só assunto);
- Pregações longas (quando o auditório dorme ou divaga);
- Pregações cheia de avisos;
- Não se deve fazer propaganda eleitoral.

Para conhecer/reconhecer o seu auditório, recomendamos:

- a) Encontros regulares com os membros da igreja, observar, se envolver;
- b) Visitação pastoral (devidamente agendada);
- c) Aproveitar estudos, pesquisas, levantamentos sobre a psicologia dos ouvintes;
- d) Interagir com as pessoas, conversar;
- e) Saber ouvir pessoas (Associação de Presbíteros, 2020).

Outras recomendações para pregadores visitantes, convidados tratam de ética. É o momento que todo auditório estará focado na sua pessoa. O comportamento e imagem são influentes na mensagem. Em caso de indisposição do ouvinte para com o mensageiro, maior será sua resistência ao conteúdo da mensagem. Até seu aspecto facial transmite sentimentos.

Veja algumas dicas do que o pregador pode evitar:

- Depois da apresentação por outrem, fazer uma autoapresentação;
- Não mostrar enfado ou indisposição;
- Mãos nos bolsos, mãos na cintura; evitar postura rígida;
- Virar as páginas da Bíblia molhando os dedos;
- Limpar o nariz ou coceira em lugares suspeitos;
- Não exhibir acessórios sujos (lenços etc.) e manter a roupa alinhada; usar roupas clássicas ou discretas; cabelos em ordem;
- Não precisa cumprimentar todo mundo no altar (não apertar todas as mãos, beijar etc.);
- Não contar piada vulgar;
- Nunca chegar atrasado;
- Não pedir que o auditório faça movimento que não seja agradável;

-
- Aceite os padrões da Igreja ou denominação (converse com o anfitrião antes do culto);
 - Se discordar das regras, recuse o convite educadamente.

O pregador tem muitos “inimigos”: distrações, ambiente desencorajador, vida agitada, agenda desorganizada, desprezo pelo aprendizado, pós-modernidade, secularismo, relativização da espiritualidade.

Jesus Cristo era um exímio contador de histórias. Ilustrava com sabedoria suas pregações, utilizando elementos conhecidos por toda sua audiência. A ilustração no sermão (contar uma história), um exemplo de vida, uma alegoria, uma fábula, pode ajudar no apelo final e no objetivo da mensagem.

O público em geral não costuma se lembrar muito do sermão, mas das histórias ninguém esquece. Toda tensão do sermão ou assunto mais complexo ficam claros quando o pregador ilumina sua fala com um testemunho, conto, anedota, exemplo (se for real, melhor ainda).

Sua mensagem sobre o Reino de Deus mostrava a pescadores da Galileia uma imagem de rede lançada que traz todo tipo de peixe. Ou um grão de mostarda, o menor deles, que se torna uma grande hortalica onde pequenos pássaros até fazem ninhos! Para um auditório rural, para um auditório urbano, para um casamento, um batismo, um funeral, nada melhor que a arte de contar estórias.

Desenvolva os tópicos de forma que o sermão fique parecendo com você mesmo/a naturalmente.

- Título – No caminho de Emaús – Jesus está no meio de nós.
- Texto – Lucas 24,13-35.
- Introdução – duas pessoas caminhavam tristes pelo caminho falando dos acontecimentos após a crucificação em Jerusalém. Obs.: lembrar aqui que essas duas pessoas representam todos nós, frente às tragédias e situações aparentemente sem saída.
- Primeira Tese/argumento – eles estavam com os olhos vendados, sem conseguir ver a situação de si mesmos.

- Segunda Tese/argumento – alguns irmãos de caminhada até tentaram animá-los, mas sem sucesso.
- Terceira Tese/argumento – Jesus se aproximou e fazia perguntas (mesmo sabendo as respostas), mas os discípulos continuavam com foco na sua própria dor.
- Quarta Tese/argumento – eles somente reconheceram Jesus na sua prática de partir o pão. Ninguém era como Jesus!
- Conclusão – é preciso renascer para esperança, abrir nossos olhos e ver que Jesus caminha conosco, nos questiona e participa das nossas atividades diárias, ou seja, situações que nos farão reconhecer que Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre.

Acrescentamos o apelo: “Jesus chama hoje quem quer abrir os olhos para a esperança de vê-lo caminhando ao seu lado. Abre os nossos olhos, ó Senhor”. O apelo é para a conversão, cuja palavra em grego é *Metanoia* (significa “mudança na direção do pensamento”), adesão a novos princípios de vida (*Meta* + *Nous*). Se o pregador, porém, perguntar à igreja quem quer a *Metanoia*, poderá encontrar apenas silêncio como resposta. A palavra deve ser explicada no seu amplo contexto, pois apesar de ter esse nome, o significado até parece simples.

Aqui segue um pouco mais de esclarecimento sobre os passos ou método que o pregador pode seguir.

O **primeiro passo** é ver, ouvir e conhecer a realidade das pessoas (v. 13-24). Jesus antes de começar a ensinar aos dois discípulos pergunta e se informa a respeito dos fatos que preocupam os dois: “que palavras são essas que discutis entre vocês durante o caminho”? Um deles parece se espantar com tal pergunta: “Você é o único forasteiro em Jerusalém que não sabe das coisas que nela aconteceram nestes dias?”. Jesus insiste e quer ouvir da boca deles o relato dos fatos, por isso pergunta de novo: “Quais?”. Eles então começam a contar a Jesus acerca dos últimos acontecimentos na cidade.

O **segundo passo** é a reflexão sobre os fatos ocorridos (v. 25-27).

O **terceiro passo** (v. 28-30): “eles o convidam a entrar em sua casa”. Parece que as palavras de Jesus, seus ensinamentos, cativaram os dois caminhantes: “permanece conosco, porque é tarde e o dia já declinou”. Jesus aceita o convite e fica com eles. Entrar na casa é entrar na intimidade das pessoas, da família, da comunidade. É conhecer e dar a conhecer o espaço

sagrado onde se vive, como se vive, o que se come e que faz. É entrar no ninho, no lar da pessoa. Assim é a oração. Na hora da refeição, “estando Jesus reclinado com eles, tomou o pão, abençoou e o partiu e deu a eles”.

O **quarto passo** é a conscientização e a ação, o compromisso que a comunidade vai assumir (v. 31-35): “e então seus olhos se abriram e o reconheceram”. A conscientização leva ao compromisso: “e levantando-se naquela mesma hora voltaram a Jerusalém onde encontraram reunidos os onze com os demais”. É testemunhar o ressuscitado (Lucas 24,32). Esse método foi emprestado da sociologia e é conhecido como *Ver, Julgar e Agir*. (Kaefer, p. 115-126, 2015).

Dizem que a simplicidade é a maior sofisticação. Saber fazer o básico com eficiência exige trabalho e disciplina (orar e trabalhar). O pregador não pode esperar que na hora H receba toda a mensagem de uma vez só para aquele momento, por transferência imediata (download espiritual).

A mensagem de Jesus não é complicada, mas é exigente. O pregador, pastor e guia da comunidade de fé não dispõe de “verdades” que ninguém mais sabe, verdades acessíveis por alguns iniciados mistérios da fé. Ele comunicará a mensagem do Reino a partir da Bíblia Sagrada, de um texto das Escrituras divinamente inspiradas e aptas para provocar a dissecação de juntas e medulas, enfatizando e ensinando a guardar todas as coisas que Jesus ordenou ao discípulo de ontem e hoje.

Pesquise, medite e escreva sobre isso (faça exercícios práticos). Grandes escritores e pregadores na história cristã têm incentivado um fato muito importante: o conhecimento das línguas bíblicas. Dispomos na modernidade de muitas traduções e comentários eruditos que já fizeram o trabalho duro em nosso lugar.

O conhecimento das línguas originais reserva ao pregador mais habilidades com o texto, a origem das palavras, a evolução do significado no tempo, o chamado *algo a mais*. Para aprender as línguas bíblicas, a modernidade também dispõe de inúmeros meios gratuitos e pagos (livros, cursos, sites). O pregador curioso e empenhado em aprender não deixará escapar a chance de construir uma obra digna de suas recompensas (digno é o trabalhador do seu salário).

4.1. Quatro dicas para um bom discurso (exercitar a memorização)

1. Planejar – qual o tema? Quanto tempo? Tem um propósito? Qual nível de interesse?
2. Introdução – breve apresentação pessoal. Apresentação do tema.
3. Desenvolvimento – determinar tópicos, definir o problema, estruturar o problema. Fazer apontamentos. Levar os ouvintes a refletir sobre o problema (reconhecer) a validade no momento.
4. Conclusão – ao finalizar, fazer um resumo e apresentar uma solução. Apelo (convite). Pede uma decisão do ouvinte.

TEMA 5 – HOMILÉTICA CLÁSSICA E CONTEMPORÂNEA

5.1. Modelos tradicionais de prédica (Homilética Clássica)

1. Ponto de partida: pregador ou o texto;
2. Objetivo: persuadir (fazer-se acreditar); transmitir (a mensagem); servir (uma conclusão);
3. Conteúdo: ideias (verdades, doutrinas, instruções a serem seguidas);
4. Linguagem: clara, dicotômica, segue princípios da escrita, pouca ou nenhuma redundância;
5. Forma: dedutiva, proposicional, discursiva, explicativa, unidirecional, lógica, conclusiva; não se opõe ao método indutivo muito utilizado pela ciência;
6. Pregador/a: autoridade (fala por Deus, especialista em Bíblia, conhece);
7. Ouvinte: passivo/a (recebe a conclusão do/a pregador/a).

5.2. Modelos contemporâneos de prédica (Nova Homilética)

1. Ponto de partida: ouvinte (foco na pessoa);
2. Objetivo: dar oportunidade para que os ouvintes pensem seus próprios pensamentos e cheguem às suas próprias conclusões;
3. Conteúdo: histórias, narrativas, tramas, situações concretas;
4. Linguagem: poética, oral, redundante;
5. Forma: indutiva, narrativa, indireta, sugestiva, dialogal, uso de suspense; a indutividade parte de premissas e proposições verdadeiras, cujo resultado é uma tautologia;

-
6. Pregador/a: testemunha do texto bíblico (narrativa bíblica): conta o que viu, ouviu, sentiu durante seu encontro com o texto;
 7. Ouvinte: ouve ativamente, participa das decisões e conclusões (Souza, 2007).

Recomenda-se desenvolver mais essa pesquisa. São nomes que estão investigando a homilética, mas não apenas isso. É fruto de trabalho e experiências em seminários e comunidades de fé. Muito incipientes talvez, alguns estudos sobre a *predica*, a mensagem, na mente dos ouvintes, confundem-se com a neurociência, neurolinguística, psicologia etc. Sugere-se ao aluno-pregador vocacionado que estabeleça metas acadêmicas para tornar-se cada dia mais hábil no manejo da Palavra.

Digressão: neuro-homilética e neuromilética serão nomes estranhos e talvez nem seja desse modo que deva ser criado um nome para uma nova ciência.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Bispo de Hipona (354 – 430). **A doutrina cristã**: manual de exegese e formação cristã. São Paulo: Paulus, 2002.

ALVES, J. **O pregador ético**. Cubatão: PCA Edições, 2018.

ASSOCIAÇÃO de Presbíteros. **Manual de Homilética**. 2009. Disponível em: <<https://www.presbiteros.org.br/manual-de-homiletica/>>. Acessado em: 29 set. 2020.

FLÓRIDO, L. C. **Homilética**. Niterói: Mídia Express, 2004.

GUTIERREZ, G. **O Deus da vida**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

KAEFER, J. A. A Arqueologia e a Leitura Popular da Bíblia. **Revista Caminhando**, v. 20, n. 2, p. 115-126, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/Caminhando/article/view/6218/0>>. Acesso em: 29 set. 2020.

LE MOS, M. **Homilética**: breve introdução à arte de pregar. 2010. Disponível em: <<https://olharreformado.files.wordpress.com/2010/06/introducao-a-homiletica.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2020.

SOUZA, M B. **A Nova Homilética**: ouvintes como ponto de partida na pregação cristã. EST. São Leopoldo, 2007. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4701_2007/et2007-1a_msouza.pdf>. Acesso em: 29 set. 2020.